

## As redes sociais digitais e as possibilidades de uma educação bilíngue de surdos no ciberespaço

*The digital social networks and the possibilities of bilingual education of the deaf in cyberspace*

*Las redes sociales digitales y las posibilidades de una educación bilingüe de sordos en el ciberespacio*

Simone Lorena Silva Pereira<sup>1</sup>

Gladis Teresinha Taschetto Perlin<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho teve como objetivo conhecer as motivações que tornam as redes sociais digitais, potencializadas pelos dispositivos de conexão permanente, cada vez mais atrativas e as possibilidades de tornar-se uma interface que privilegie uma educação bilíngue de surdos, na perspectiva da pedagogia surda. O artigo é a continuação do trabalho “As redes sociais digitais e a educação bilíngue: a emergência das ‘bolhas’ e ‘espumas’ surdas” acrescentando a questão da mobilidade, da ubiquidade e de dados coletados com 10 acadêmicos surdos do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Sergipe através de questionários com questões abertas e fechadas. Os informantes deveriam dissertar sobre quais as redes sociais que utilizavam, quanto tempo usufruíam delas e qual a percepção das utilidades das informações disponibilizadas nesses espaços. Percebeu-se que, os estudantes surdos participam ativamente das redes sociais digitais impulsionados pela necessidade de agregar-se, de interagir e informar-se; apresentando-se, portanto, como ambientes que privilegiam as narrativas visoculturais surdas em que a liberdade de emissão, a convergência midiática, as hipersintaxes híbridas, e a mobilidade podem fortalecer o empoderamento do “ser” surdo e contribuir para consolidar a Pedagogia Surda no ciberespaço.

**Palavras-chave:** Redes sociais digitais. Ciberespaço. Pedagogia Surda.

**Abstract:** *This study aimed to understand the motivations that make digital social networks, potentiated by the permanent connection of devices increasingly attractive and the possibilities of becoming an interface that favors a bilingual education of the deaf in the perspective of deaf pedagogy. The article is a continuation of the work "Digital social networks and bilingual education: the emergence of 'bubbles' and 'foam' deaf" adding the issue of mobility, ubiquity and data collected with 10 deaf students from the Letras- Course pounds of the Federal University of Sergipe (UFS) through questionnaires with open and closed questions. Informants should speak about what social networks they used, how long enjoyed them and the perception of the utility of the information provided in these spaces. It was noticed that deaf students actively participate in online social networks driven by the need to*

<sup>1</sup> Ouvinte, Graduada em Letras, Especialista em Libras e Educação Especial, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e bolsista CAPES/CNPQ. Foi professora de LIBRAS e Língua Portuguesa no Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES). Atualmente pesquisa sobre questões referentes as interfaces das redes sociais digitais e os aplicativos educacionais na educação de surdos. simone\_lorena@hotmail.com

<sup>2</sup> Surda, Teóloga, Mestre e Doutora em Educação de surdos. Professora no Centro de Ciências da Educação - UFSC. Suas atividades em pesquisa voltam-se para os Estudos Surdos um campo de investigação em conexão com teorias que enfatizam a diferença e alteridade cultural dos surdos, e promovem um contra discurso às questões de surdez como deficiência. Têm focalizado as narrativas culturais provenientes dos espaços surdos e seus cruzamentos com a teoria cultural recente, bem como a teoria pós-estruturalista. gladisperlin@hotmail.com

*aggregate, to interact and learn; presenting therefore as environments that emphasize the visual-cultural narratives deaf where freedom of issue, media convergence, hybrid hipersintaxes, and mobility can strengthen the empowerment of "being" deaf and help consolidate the Deaf Education in cyberspace.*

**Keywords:** Digital social networks. Cyberspace. Deaf education.

---

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo comprender las motivaciones que hacen las redes sociales digitales, potenciadas por los dispositivos de conexión permanente, cada vez más atractivas y las posibilidades de convertirse en una interfaz que favorece una educación bilingüe de sordos, en vista de la pedagogía sorda. El artículo es la continuación de la obra "Las redes sociales digitales y la educación bilingüe: el surgimiento de" burbujas "y" espumas "sordas", añadiendo el tema de la movilidad, ubicuidad y los datos recogidos con 10 académicos sordos del Curso Letras- libras de la Universidade Federal de Sergipe a través de cuestionarios con preguntas abiertas y cerradas. Los informantes deberían escribir sobre qué redes sociales utilizan, cuánto tiempo pasan conectados y la percepción de la utilidad de la información proporcionada en estos espacios. Se observó que los estudiantes sordos participan activamente en redes sociales digitales impulsados por la necesidad de ser agregados, para interactuar y se informar; presentándose, por lo tanto, como entornos que favorecen las narrativas visuales-culturales sordas donde la libertad de emisión, la convergencia de medios, las hipersintaxes híbridos, y la movilidad puede fortalecer la potenciación de "ser" sordo y ayudar a consolidar la Pedagogía Sorda en el ciberespacio.

**Palabras-chave:** Redes sociales digitales. Ciberespacio. Pedagogía sorda.

---

## Introdução

O surdo tem na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a sua principal forma de comunicação, sendo reconhecida pela Lei 10.436/02 como a língua natural da comunidade surda. Apesar dessa conquista, as dificuldades de comunicação do surdo ainda persistem sendo necessária uma política linguística voltada aos saberes surdos, ou seja, para uma educação bilíngue de surdos. Esse método de educação, que pode ser compreendido como Pedagogia Surda, leva em consideração as especificidades viso-culturais surdas, tendo a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como primeira língua e o Português escrito, como segunda. A Pedagogia Surda não vê o surdo como uma alteridade maléfica, muito pelo contrário, desmistifica as representações do ator surdo como deficiente indo ao encontro dos artefatos culturais surdos, enfatizando a cultura, a pedagogia surda e a língua de sinais.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) apresentam-se como um meio que permite a veiculação de diversos signos linguísticos representando mais e melhores oportunidades comunicativas, de sociabilidade e educacionais. A tecnologia digital permite o acesso, a representação e o processamento de qualquer informação, fortalece a interação, maximiza a velocidade e o armazenamento, enfim, ocasionando diversas mudanças como a ampliação da liberdade. As tecnologias digitais, portanto, podem contribuir para uma aprendizagem permanente consolidando o surgimento de novas competências sociais,

emocionais e cognitivas através de intercâmbios comunicacionais, a ampliação da sociabilidade e o fortalecimento da convergência midiática.

Diante disso, o ciberespaço torna-se cada vez mais nômade, intersticial e descentralizado permitindo que ocorra um amálgama entre os espaços físicos e virtuais, ou seja, a interação acontece em espacialidades híbridas (espaços midiáticos e urbanos) intensificando-se, então, as habilidades cognitivas do indivíduo em apenas um aparelho, o “teletudo”, em que existe a emergência de fazer parte das diversas agregações eletrônicas. É nesse ambiente que os usuários surdos estão imersos participando ativamente dos modos de produção, capitalização e divulgação da cultura surda. Os sujeitos surdos também compartilham dessa urgência interativa, tanto pela coletividade surda (encontro com seus pares) quanto pelo contato com os ouvintes, pois a convergência midiática possibilita a veiculação de uma pluralidade de sistemas sígnicos. Diante desse contexto, tornou-se interessante conhecer com as motivações que tornam as redes sociais digitais, potencializadas pelos dispositivos de conexão permanente, cada vez mais atrativas e as possibilidades de tornar-se uma interface que privilegie uma educação bilíngue de surdos, na perspectiva da pedagogia surda.

### **Cultura e identidades surdas: uma contextualização necessária**

A cultura pode constituir-se como um lugar de negociação de sentidos, de luta por poderes e significados, possibilitando a ressignificação da surdez como uma diferença cultural e não um problema patológico. A cultura surda apresenta-se de forma visual através da língua de sinais que é uma prática social que marca a comunidade surda tornando os surdos e ouvintes diferentes culturalmente. Ao integrar-se a cultura surda e interagir com seus pares - a partir de uma ordem visual estabelecida pelos próprios surdos – apresenta-se ao surdo a possibilidade não de se tornar aceitável aos ouvintes, mas de aceitar-se em sua diferença.

Ao descobrir-se como parte de uma cultura, o surdo se manifesta, e movimenta o que existe ao seu redor e no seu interior. A história de um surdo é a história de muitos. É a história de uma comunidade que luta desde sempre pela queda do muro que a segrega e impede que os ventos da valorização penetrem nos campos em que habitam. É uma história de luta pela valorização linguística, lutando contra as amarras da opressão à língua de sinais, e contra a imposição da língua oral (ROSA, 2011, p. 149).

Daí a importância de fortalecer as identidades surdas, o “ser surdo”<sup>3</sup> que luta, juntamente com seus pares, pelo reconhecimento cultural da comunidade surda. Percebe-se então que, a principal característica da comunidade surda não está na ausência do som, mas sim na forma de comunicação que é através da língua de sinais, um dos mais marcantes artefatos culturais surdos para as identidades surdas. Essas identidades são (re)construídas diariamente a partir, principalmente, do contato com o outro igual que possibilita ao surdo assumir o papel de protagonista, não mais de subordinado, pois sente orgulho de pertencer a uma comunidade com características linguísticas, cognitivas, culturais e comunitárias específicas. E são essas particularidades que definem a(s) identidade(s) surda(s).

A(s) identidade(s) de surdo/dos surdos não se constrói(oem) no vazio, forma(m)-se no encontro com pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos. No encontro com os outros, os surdos começam a narrar-se, e de *forma diferente daquela através da qual são narrados pelos que não são surdos*. Começam a desenvolver identidades surdas, fundamentadas na diferença. Estabelecem, então, contatos entre si e, através destes, fazem trocas de diferentes representações sobre a(s) identidade(s) surda(s). Assim, autoproduzem significados a partir de informações intelectuais, artísticas, técnicas, éticas, jurídicas, estéticas, desenvolvendo, então, certa cultura; é a partir dessa autoprodução que surgem as culturas surdas (SÁ, 2006, p.126).

De fato, a língua de sinais é um potente fator de identificação das culturas surdas devido a modalidade visual-espacial. Tanto que, para Campos e Stumpf (2012, p. 177) “pertencer à cultura surda implica dominar, em maior ou menor grau, a língua de sinais que caracteriza o grupo ao qual aquele surdo se integra”. As línguas de sinais, inclusive, estão evoluindo para uma escrita própria, a *SignWriting*, que aparece como uma característica cultural importante para a comunidade surda. Desta forma, a língua de sinais aparece como imprescindível para a cultura surda sendo considerada o alicerce para a compreensão da educação de surdos.

Daí a necessidade de atentar para que a surdez não seja encoberta pelo discurso da deficiência que hostiliza e entorpece a diferença. Vale destacar que, as formas como os surdos são narrados na escola reforçam as representações equivocadas que a sociedade tem sobre o sujeito surdo e a surdez fazendo parecer que, o corpo “defeituoso” do surdo sobrepõe-se ao direito de construção da subjetividade e da crença na capacidade da pessoa surda.

<sup>3</sup> O ser surdo refere-se ao empoderamento no sentido de que, como usuário de cultura visual - em sua diferenciação do ouvinte - ele consiga se firmar subjetivamente em situação de igual na diferença. Assim, o surdo seria um ator social, leitor na decodificação de mensagens, ao passo que o ouvinte é por natureza um auditor.

## Educação bilíngue de surdos na perspectiva da pedagogia surda

A educação bilíngue evoca a importância dos sujeitos surdos terem contato com a língua de sinais o mais cedo possível, pois favorece o desenvolvimento integral do indivíduo. Assim, a inclusão do surdo na escola comum, deve ter a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda, na modalidade escrita. Porém, tem-se que possibilitar a qualidade da aquisição e do domínio dessas línguas, pois o fato de estarem presentes na escola não garante o bilinguismo<sup>4</sup>, pois a língua de sinais parece ainda ser utilizada como ferramenta para o aprendizado do português, apresentando práticas pedagógicas descontextualizadas, que fracionam a língua, não contemplando as complexidades da linguagem como prática social tendo assim, a língua como fim da educação e não como meio. E nesse espaço de negociação e de conflitos entre as diferentes modalidades, não podemos deixar de destacar que ambas constituem os saberes surdos<sup>5</sup> daí a importância de propostas pedagógicas que levem essas questões em consideração.

A convivência e sobrevivência dependem principalmente da ação pedagógica, ou seja, da condução do saber de um grupo específico de pessoas e que questiona o que ensinar, porque ensinar, como ensinar e para quem ensinar. É desta forma que pode ser entendida uma Pedagogia Surda. (SILVA, 2012a, p. 265)

A Pedagogia Surda, seguimento da Pedagogia da diferença, não vê o surdo como uma alteridade maléfica, muito pelo contrário, desmistifica as representações da surdez como deficiência, celebra as “vozes” vistas pela sociedade como dissonantes indo ao encontro dos artefatos culturais surdos. A pedagogia dos surdos desconstrói a ideia de incompletude contida nos discursos do etnocentrismo ouvintista<sup>6</sup> instaurando-se como uma luta cultural. Isto significa que, segundo Silva (2012a, p. 267), ocorre um embate “contra um processo de dominação que visa à igualdade, a partir do padrão daqueles que se julgam como modelo a ser seguido”, ou seja, a diferença cultural deve ser a base para consagrar os direitos e deveres dos

<sup>4</sup> [...] tal proposta educacional contempla o direito linguístico da pessoa surda ter acesso aos conhecimentos sociais e culturais em uma língua na qual tenham domínio, respeitando, ainda, os aspectos culturais, sociais, metodológicos e curriculares inerentes à condição de surdez (Skliar, 1997b) [...] defende, ainda, que seja ensinada ao surdo a língua da comunidade ouvinte na qual está inserido, oral e/ou escrita, tendo como base os conhecimentos adquiridos por meio da língua de sinais (LODI; LACERDA, 2009, p. 12).

<sup>5</sup> Se constitui como legado histórico pertencente à cultura das pessoas surdas. É o que caracteriza as identidades e as estratégias de sobrevivência e formas de estabelecerem sua presença (SILVAa, 2012, p. 266).

<sup>6</sup> É a ideia dos sujeitos adversários que não aceitam os sujeitos surdos como diferença cultural e sim que eles tem que se moldar um modelo ouvinte, isto é, os surdos devem imitar os ouvintes falando e ouvindo (STROBEL, 2012, p. 100).

surdos e não o discurso da alteridade deficiente. E mais, é uma pedagogia que não se acomoda nem ousa persuadir o outro a deixar de ser, não conduz a obliteração, a exclusão.

Vale destacar que, o bilinguismo na educação de surdos não pode ser visto como uma estratégia de correção da deficiência para, finalmente, atingir a normalidade. Skliar (2003, p. 167) defende a necessidade de desconstrução dos “contextos rígidos de medicalização, correção, caridade e beneficência, nos quais a alteridade deficiente é habitualmente posicionada”. O que significa dizer que, a educação bilíngue de surdos vai além das questões linguísticas senão corre-se o risco da utilização de pedagogias calcadas no diferencialismo<sup>7</sup>, pois leva ao enfraquecimento do surdo como sujeito. Desta forma, o bilinguismo como pedagogia surda ou pedagogia de surdos leva em consideração os artefatos culturais surdos desviando-se de práticas que, infelizmente, ainda estão marcadas pela busca da corrigibilidade, da recuperação, da normalidade.

### As redes sociais digitais e a formação das bolhas identitárias

O ciberespaço é um ambiente composto pela descentralização e o nomadismo das diversas linguagens multimídias. É nesse lugar que o usuário irá procurar interações sociais e informações, contendo autorias plurais e individuais, a liberdade de emissão, a (re)configuração das expressões culturais e processos (des)territorializantes. O ciber, portanto, mantém uma relação com os conteúdos da vida social e as tecnologias digitais, principalmente, através da interface<sup>8</sup>. Santaella (2007) comenta que, o ciberespaço é uma arquitetura líquida que evolui num *continuum* tanto no tempo quanto no espaço, num processo de desmaterialização e recriação, como uma sinfonia. Isto significa que, essa arquitetura é constantemente (des)construída diante de novas perspectivas. Lemos (2002) complementa que, este ambiente é um hipertexto mundial interativo em que novos agentes inteligentes<sup>9</sup>

<sup>7</sup> O diferencialismo presente na educação dos surdos, de que Skliar fala, visa excluir o aspecto cultural dos surdos considerando-o como desnecessário e colocando uma cultura que não pertence ao surdo; isso acaba gerando sujeitos incapazes de escolhas de vida, e, por isso mesmo, indivíduos incapazes. (PERLIN; MIRANDA, 2011, p. 105)

<sup>8</sup> A relação entre tecnologia e cognição está amparada no termo interface. A palavra interface, em seu sentido mais simples, se refere aos *softwares* que dão forma à interação entre usuários e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação semântica, caracterizada por significado e expressão (Johnson, 2001, p. 17 *apud* SILVA, 2012b, p. 359).

<sup>9</sup> O excesso de informação obriga a construção de dispositivos que possam auxiliar os usuários e aprender com seus costumes. Passaremos, assim, a delegar a um agente inteligente eletrônico a tarefa de encontrar informações que desejamos (LEMOS, 2002, p. 118)

surgem diariamente transformando-o em um grande ecossistema. Diante disso, esse espaço além de múltiplo, fluído e complexo proporciona a circulação do saber e de debates plurais abrigoando diversos tipos de sociabilidades.

E as redes sociais digitais estão presentes no ciberespaço destacando-se cada vez mais como um lugar de intensa sociabilidade sendo que o seu potencial advém da capacidade de interligar máquinas e articular diversas interações em torno de um mesmo eixo: a internet<sup>10</sup>. De acordo com Recuero (2009) a rede social é formada basicamente por atores e suas conexões.

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24).

São os atores que constroem as estruturas sociais (os nós da rede) e as conexões formadas pelas interações e pelos laços sociais. Esses indivíduos podem ser representados pelas interfaces (facebook, blogs etc) e links em que o usuário é identificado pelo endereço da sua página pessoal (quando interage através de comentários num blog, por exemplo). O contato entre os atores no espaço social digital (ESD)<sup>11</sup> contribui para a formação das chamadas bolhas identitárias. Esse conceito foi construído por Salgado (2011), inspirado em Rieder, em que as bolhas sociais identitárias seriam uma versão da identidade digital do sujeito. Assim, o sujeito pode apresentar diversos perfis nos ESDs - que são amplamente heterogêneos e fluídos - e manifestar bolhas identitárias tanto diversas quanto análogas ou idênticas.

Essas bolhas formam-se tanto individualmente quanto por relação então, o sujeito vive em coisolamento e cofragilidade. Esse coisolamento, segue Rieder (2010) *apud* Salgado (2011), é causado por uma membrana, chamada interface, que serve tanto para conectar quanto para separar as bolhas. As membranas atuam como filtros que impõe limites, mesmo que de forma implícita e contrariamente a esse ambiente fluído e permissível - isolar mais as pessoas. Salgado (2011) destaca ainda que, quando ocorre o encontro entre as bolhas

<sup>10</sup> A internet oferece várias ferramentas para a navegação em seu ambiente, agindo como uma verdadeira incubadora mediática, já que dá espaço para a criação de diversos dispositivos comunicacionais [...] Cada dia novas ferramentas midiáticas são incubadas na rede (LEMOS, 2002, p. 118)

<sup>11</sup> Esses espaços digitais seriam, num estado inicial, do ponto de vista social, como folhas em branco ou células-tronco: com vasto potencial para ser e diferenciar-se. Quando e se deixam de ser simples espaços digitais para serem espaços digitais onde há relações sociais, podem ser chamados de espaços sociais digitais (ESDs). Verdade que, antes de serem espaços sociais, são espaços digitais. Mas chamá-los — espaços sociais digitais|| é proposital: destaca o peso, o foco, a importância do aspecto social desses espaços (SALGADO, 2011, p. 25).

identitárias acontece uma fusão heterogênea e flexível que resulta, justamente, nas espumas<sup>12</sup>. A metáfora das espumas surgiu como tentativa de contemplar esse ambiente cada vez mais permissível, fluído e heterogêneo em que se reflete sobre a sociogênese a partir de indivíduos empilhados

O autor, com base em Sloterdijk, propõe três itens em seu modelo de interação sendo: a autoabsorção (relação do indivíduo com o “eu”, criando uma versão digital de si); A relação do sujeito com o mundo através da sua bolha identitária e a relação entre a bolha identitária do indivíduo e a de cada visitante. A partir dessa interação, são formados os laços que compõem as conexões. Esses espaços sociais digitais possibilitam a construção individualizada levando em consideração a importância do outro para a interação social<sup>13</sup>. Assim, nos ESDs existem ambientes de convivência em tempo real entre os usuários favorecendo mais ainda a constituição de uma cultura participativa, de compartilhamento, de convivência em que a protossociabilidade e o favorecimento da circulação, mediada pelas membranas, caracterizam-se como propriedades da sociedade interconectada em rede.

### A questão da mobilidade no ciberespaço

As redes sociais estão intrinsecamente ligadas aos dispositivos móveis que, potencializam a capacidade de acesso do usuário, desta forma, torna-se importante discutir alguns aspectos sobre a mobilidade. De acordo com Lemos (2009) a mobilidade contribui para que a comunicação torne-se onipresente, contínua, e as realidades mistas e ampliadas estando intrinsecamente ligada ao deslocamento. Desta forma, a conexão através da computação pervasiva<sup>14</sup> e ubíqua<sup>15</sup>, intersecciona múltiplos espaços, pois a comunicação e a interação podem ocorrer em movimento. O autor prossegue afirmando que, a mobilidade está dividida

<sup>12</sup> Para Rieder (*ibid.*, p.11), a espuma caracteriza com propriedade a protossociabilidade que é comum nas plataformas digitais, constituindo-se em um recurso para se pensar a sociogênese a partir de *indivíduos empilhados*. “Do caos de interações efêmeras podem emergir relações mais estáveis e o conjunto de tais relações produz morfologias que costumam ser descritas pelos conceitos de comunidade e de rede”. Sobretudo, a metáfora da espuma nos ajuda a pensar o *individualismo de massa* que marca o nosso tempo, e também “pensar a tensão entre identidade e relação como *locus* da produção do social” (SANTAELLA, 2013, p. 313-314).

<sup>13</sup> Watzlawick, Beavin e Jackson (2000) explicam que a interação representa um processo sempre comunicacional. A interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social. (RECUERO, 2009, p. 31)

<sup>14</sup> Significa que o computador está embarcado no ambiente de forma invisível ao usuário (SANTAELLA, 2013, p. 17).

<sup>15</sup> Ela surge “da necessidade de se integrar mobilidade com a funcionalidade da computação pervasiva”, ou seja, qualquer dispositivo computacional, que levamos conosco, “pode construir, dinamicamente, modelos computacionais dos ambientes nos quais nos movemos e configurar seus serviços dependendo da necessidade” (*ibid.* p. 50) (SANTAELLA, 2013, p. 17).

nas seguintes dimensões: o pensamento, a desterritorialização, a física e a informacional-virtual. Vale destacar que, essas dimensões desenvolvem-se e conjugam-se mutuamente tornando imprescindível tanto compreendê-las quanto entender as suas relações.

Da relação entre a mobilidade física e a virtual, podem ser extraídos três tipos possíveis de relação: de substituição, uma pode estar presente na ausência da outra; de complementaridade, ambas estão presentes, cada uma desempenhando suas funções de acordo com seu potencial; e de adição, quando ambas se juntam criando composições híbridas de mobilidade. (SANTAELLA, 2010, p. 110-111)

Sobre a mobilidade informacional-virtual, deve-se destacar que não é neutra, pois apresenta diferentes níveis de controle e de poder produzindo política, cultura, sociabilidade e subjetividade, devendo ser vista, portanto, como performance e potência. Então, por exemplo, quanto maior a potência do deslocamento, maior a mobilidade física. Santaella (2010) ainda diz que, os seguintes termos estão relacionados a mobilidade: a velocidade, a extensibilidade e a acessibilidade<sup>16</sup>. Nesses espaços híbridos, intersticiais ou informacionais<sup>17</sup> acontecem as relações entre as dimensões físicas e virtuais, a superação da distância em que o usuário - por meio das tecnologias móveis e das multiplicidades de funções que agregam – usufrui da mobilidade contínua ou conexão *aways-on* (conexão permanente). Nos aproximamos, portanto, da chamada ubiquidade<sup>18</sup>.

Vale destacar que, a ubiquidade não necessariamente refere-se a mobilidade, mas ao compartilhamento simultâneo em vários lugares, ou seja, uma plurilocalização simultânea. Já a onipresença proporcionada pela rede, segundo Santaella (2010, p. 17), “oculta o deslocamento e permite ao usuário continuar suas atividades mesmo estando em outros lugares”, ou seja, a comunicação refere-se ao deslocamento em que há uma relação de dependência entre mobilidade e imobilidade assim como as dimensões de extensibilidade e acessibilidade são complementares.

<sup>16</sup> Extensibilidade é concebida como a habilidade de pessoas e grupos de superar a fricção da distância por meio dos transportes das comunicações. Acessibilidade [...] refere-se à habilidade de se mover, ou ao movimento potencial, o primeiro reporta-se às conexões entre pessoas e lugares [...] Essa potencialização vem adquirindo tais proporções que outros nomes para a era da mobilidade são era da conexão e também era do acesso. (SANTAELLA, 2010, p. 112)

<sup>17</sup> O que une essas três terminologias – híbridos, intersticiais e informacionais – é a constatação de um espaço criado pela conexão de mobilidade/comunicação e materializado por redes sociais desenvolvidas simultaneamente em espaços físicos e digitais. São, acima de tudo, espaços móveis, isto é, espaços sociais conectados e definidos pelo uso de interfaces portáteis como os nós da rede (SANTAELLA, 2010, p. 94).

<sup>18</sup> A ubiquidade destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário comunica-se durante seu deslocamento (SANTAELLA, 2010, p. 17).

Pode-se transpor a questão para as comunidades virtuais móveis, ou SmartMobs, como denomina Rheingold (2003), onde não só o trabalho é o ponto chave da onipresença. Os grupos de adolescentes que “precisam” estar simultaneamente conectados a diversos integrantes da comunidade não diferenciam o fato de estarem em uma mesma sala de aula, ou em outra parte da cidade. (PELLANDA, 2006, p. 204)

Desta forma, além de consumir em mobilidade, possibilita-se a criação de novas territorializações e sentidos de lugar. Assim, o nomadismo virtual<sup>19</sup> possibilita ao usuário mover-se entre as informações que estão disponibilizadas de maneira não contingencial e inadvertida enfrentando, durante sua “peregrinação”, uma difusão indiscriminada de informações, num espaço em constante dispersão e mutação. As tecnologias móveis proporcionam a liberdade de emissão, de acesso a mobilidade é o que Pellanda (2006, p. 201) chama de “mudança de conteúdo” devido a possibilidade de contextualização da dimensão física com o ambiente de busca e emissão de informação. Sendo que, além do deslocamento disponibilizado pelos dispositivos móveis, tem-se a maximização da convergência das mídias em que, por exemplo, o celular pode agregar diversas mídias (camera fotográfica, filmadora, redes sociais etc) e ainda ligá-las ao ciberespaço.

Essa relação permite a ampliação da capacidade produtiva e o imediatismo da distribuição, produzindo assim, a espacialização e a subjetividade. Vale destacar, que existem pesquisas em que, segundo Santaella (2013), as novas formas de aprendizagem através dos dispositivos móveis propiciam um tipo de aprendizado aberto (um processo espontâneo, inadvertido, mediado através de um dispositivo de conexão contínua) que contribuiu para o surgimento da chamada aprendizagem ubíqua (que pressupõe uma aprendizagem sem ensino). O interessante é que, a ubiquidade abre possibilidades de complementaridade e de desafios de integração com a educação formal. E essa autoformação, liberdade de emissão e nomadismo virtual favorecido pelo ciberespaço e pela mobilidade podem acontecer através diversos espaços sociais digitais. Daí a importância de pesquisar de que forma podem contribuir para a revitalização das práticas pedagógicas que levem em consideração, principalmente, os identificadores culturais surdos.

<sup>19</sup> O nômade prefere o movimento dos caminhos entre os pontos. São os caminhos que importam, pois a vida nômade pressupõe estar sempre no meio do caminho. Os espaços nômades são lisos, pois os caminhos também são móveis, apagam-se e deslocam-se na trajetória sem pouso (SANTAELLA, 2007, p. 235)

## Metodologia

O artigo é a continuação do trabalho “As redes sociais digitais e a educação bilíngue: a emergência das ‘bolhas’ e ‘espumas’ surdas” que, num primeiro momento, teve como foco discussões teóricas acerca da experiência de professores com o Blog e a educação bilíngue de surdos. Nesse momento, procuraremos adensar os debates acrescentando a questão da mobilidade, da ubiquidade e da coleta de dados preliminares adquiridos com acadêmicos surdos do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Sergipe. O trabalho parte de uma abordagem qualitativa e quantitativa sendo o instrumento de coleta de dados questionários com questões abertas e fechadas para obter o máximo de informações sobre as questões linguísticas, culturais e de identidade dos acadêmicos surdos e ainda acerca do grau de imersão desse público na cultura digital com ênfase nas redes sociais.

A pesquisa foi realizada com 10 estudantes surdos da primeira turma de Letras-LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os informantes deveriam dissertar sobre quais as redes sociais que utilizavam, quanto tempo usufruíam delas e qual a percepção das utilidades das informações disponibilizadas nesses espaços. O critério de escolha do público-alvo baseou-se no fato do Curso de Letras-Libras propiciar o contato com um ambiente bilíngue (professores bilíngues, intérpretes) contribuindo para o fortalecimento do “ser surdo”. E, ainda, a presença de surdos envolvidos com a causa surda o que reflete em atitudes mais autônomas em que o orgulho de fazer parte da comunidade surda são amplamente difundidos podendo ser intensificados através das interações no ciberespaço.

A partir da análise dos dados procurou-se perceber as motivações dos estudantes surdos participarem ativamente das redes sociais digitais levando ao impulso da necessidade de agregar-se, de interagir e informar-se. Além disso, refletir sobre como as redes sociais digitais apresentam-se como ambientes que privilegiam as narrativas viso-culturais surdas em que a liberdade de emissão, a convergência midiática, as hipersintaxes híbridas e a mobilidade podem fortalecer o empoderamento do “ser” surdo e contribuir para consolidar a Pedagogia Surda no ciberespaço.

## As redes sociais digitais e as possibilidades de uma educação bilíngue de surdos no ciberespaço

De fato, a mobilidade, através da multifuncionalidade dos dispositivos móveis, permite que o indivíduo tenha novas experiências, com estados ambíguos de ausência e presença contribuindo para a modificação de comportamentos, da comunicação e da interação. As conexões móveis potencializam, além do nomadismo e da mobilidade, o que Santaella (2007) chama de semio-diversidade (diversidade semiótica) das mídias. E como os surdos são usuários de diversos recursos de conexão permanente (como os celulares e notebooks - por exemplo) tornou-se interessante conhecer as motivações que tornam esses espaços cada vez mais atrativos e com potencial para uma educação bilíngue de surdos, na perspectiva da pedagogia surda.

A pesquisa demonstrou que, o facebook foi a única rede social utilizada por todos partícipes em que a comunicação dos perfis ocorria através dos diversos recursos disponíveis “como: mensagens, vídeos, fotos entre outros, em que ‘a popularização desses serviços faz que, com cada um desses perfis, criem-se pontos de referência para a identidade digital de alguém’” (SANTAELLA, 2013, p. 316). De acordo com a autora, estudantes universitários utilizam o facebook, tanto para objetivos acadêmicos quanto, principalmente, para interações sociais. E destaca que, esse acesso acontece independente da classe social e pode trazer alguns pontos positivos para a aprendizagem como: repositório para atividades, informações, a interatividade e coletividade, e permitir a percepção de possíveis problemas no processo educativo.

Com relação ao tempo de conexão diário 36% dos surdos apontaram 1 hora e 29% mais de três horas indicando que, eles estão circulando pelo mundo virtual em que o hibridismo dos signos possibilita a comunicação e o acesso a informação. O que demonstra como esse público está sedento por explorar e construir conexões, e as redes sociais permitem que, o indivíduo possa encenar diversos papéis através das bolhas identitárias e perceba, diante desse ambiente efêmero e líquido, que a identidade está cada vez mais transitória e incerta. Bauman (2005) diz que nessa época líquido-moderna o sujeito que deseja ser identificado de forma inflexível tende a ser “malvisto”, assim, os surdos experimentam, em meio a essa rede de conexões, a ambiguidade e as formas de negociação entre as diferentes máscaras sociais.

Sobre as percepções dos estudantes acerca da utilidade das informações disponibilizadas no facebook 40% dos estudantes afirmaram que utilizam essa rede social para

fazer novas amizades, manter contato com os amigos, a família e as comunidades de surdos assinalando a importância da sociabilidade proporcionada por esse espaço digital. Recuero (2009) infere que, grande parte da sociabilidade está baseada nas impressões tanto construídas quanto percebidas pelos atores e que “a interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social” (p. 31). As redes sociais, devido a pluralidade dos sistemas sógnicos, privilegiam o âmbito da visualidade expresso pela língua de sinais proporcionando que, a bolha identitária do surdo entre em contato com a identidade digital do outro igual, colaborando para o fortalecimento dos artefatos culturais surdos.

Os estudantes relataram ainda que o facebook facilita a aquisição de conhecimento, comunicação e compartilhamento das informações enfatizando a amplitude da exploração dos recursos visuais, pois apontaram como as principais atividades realizadas as postagens de vídeos e o compartilhamento. Esse cenário demonstra que, a linguagem digital além de contribuir para a quebra da linearidade textual possibilita novas relações e articulações dos conhecimentos, conteúdos, pessoas, tempo e espaço. Vale destacar que, de acordo com Kenski (2012), essa linguagem é composta por hipertextos (com diversos textos interligados tornando a navegação mais dinâmica) que podem conter documentos multimídias chamados de hipermídia<sup>20</sup>. Desta forma, o sujeito persegue incessantemente o presente, o imediatismo, pois o tempo e o espaço são diversos, pervasivos e efêmeros. Vale destacar que, a ação do usuário possibilita a construção e a ampliação do hipertexto que tem como uma de suas características, justamente, a manipulação. Diante desse quadro, o usuário surdo torna-se cada vez mais múltiplo, desterritorializado e com infinitos recursos à disposição diariamente.

Apenas 1 participante alegou que, há falta de informações interessantes no facebook, pois apenas expõe a vida das pessoas utilizando, desta forma, o acesso a outros sites para informar-se. Daí pode questionar-se a qualidade das conexões através do elemento capital social<sup>21</sup>, ou seja, o valor das interações construídas pelos atores através do conteúdo das mensagens trocadas entre eles. De acordo com Recuero (2009), um tipo de capital social

<sup>20</sup> De acordo com Santaella (2003a) a hipermídia serve para “descrever uma nova forma de mídia que utiliza o poder do computador para arquivar, recuperar e distribuir informação na forma de figuras gráficas, texto, animação, áudio, vídeo, e mesmo mundos virtuais dinâmicos” (p. 93).

<sup>21</sup> Consideraremos o capital social como um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001) (RECUERO, 2009, p. 50).

presente no facebook é o chamado de *maintained* (manutenção), ou seja, tem como foco manter contato assim, a existência desse tipo de capital nas redes sociais indicaria a existência de uma limitação do software. Desta forma, prossegue a autora, “os tipos de capital social, assim, atuam não apenas como motivadores para as conexões, mas também auxiliam a moldar os padrões que vão emergir da apropriação dos diversos sites de redes sociais” (p. 55). Vale ressaltar que, as informações armazenadas pela hipermídia são transformadas através das interações dos usuários criando diferentes versões no mundo virtual, ou seja, a hipermídia está intrinsecamente ligada a ação interator.

O público pesquisado, de forma geral, além de apresentar o entusiasmo pelas redes sociais digitais, também demonstraram interesse em sites de busca, de notícias, institucionais (UFS, IFS), tradutores de LIBRAS deixando claro que, os espaços digitais contribuem para um comportamento diferenciado do usuário, tornando-o mais ativo, um ser ávido em busca de informações, aberto as inovações, num permanente processo de aprendizagem. Esses ambientes podem servir de repositório para várias atividades cognitivas, principalmente, através da interface tornando o conhecimento cada vez mais individualizado e personalizado. Essas possibilidades disponíveis nas redes desestabilizam aquilo que é fixo e homogêneo privilegiando o que é transitório e incerto, assim os sujeitos agregam-se independente das limitações e diferenças que possuem indo ao encontro da educação almejada pelos surdos que leva em consideração o ser surdo, a língua de sinais e a cultura surda através da filosofia da diferença<sup>22</sup>.

## Discussões Finais

É visível que a ubiquidade e a pervasividade das redes, proporcionadas pelas mídias móveis digitais, permitem práticas de acesso a informação e a comunicação sem limites. Desta forma, o espaço social digital pode enfraquecer a barreira pedagógica resultante de uma comunicação indireta ou inexistente entre o estudante surdo e o professor, pois as

---

<sup>22</sup> De qualquer forma, a filosofia da diferença pode ser incluída nos espaços da formação de professores. Ela rechaça qualquer apego ao diferencialismo vazio, que nada tem de diferença, mas que vê o outro como uma questão de diminuição, de inferioridade, de deficiência. A filosofia da diferença também é responsável por uma mudança linguística não só nas mudanças ocorridas na interação social, mas também possivelmente no que refere à teorização para a formação do professor (PERLIN; MIRANDA, 2011, p. 108).

hipersintaxes híbridas possibilitam que a interação possa ocorrer nas duas modalidades linguísticas (LIBRAS e Língua Portuguesa). Diante desse contexto, tornar-se necessário frisar que as práticas pedagógicas devem privilegiar as experiências visu-culturais surdas, ou seja, a educação bilíngue de surdos. Caso contrário, mesmo que o surdo seja aceito nesses espaços o seu corpo deficiente vai continuar indo de encontro a perfectibilidade da normalidade fortalecendo, dessa forma, os estereótipos que constroem uma auto-imagem estigmatizada do surdo, afastando-o da cultura surda e colocando-o, em meio a pedagogias que obliteram, pois o outro é visto como exótico, um oposto negativo.

Finalmente, este foi um trabalho inicial, portanto, faz-se necessário que outras pesquisas sejam realizadas e adensadas. Vale destacar a necessidade em discutir a relação entre a educação bilíngue de surdos e as redes sociais digitais, potencializadas pelos artefatos móveis, para além da superficialidade que restringe esses ambientes ao fetiche de uma simples ferramenta quando, na realidade, são tecnologias de linguagem, de transformações, de inteligência. Assim, as redes sociais digitais aliadas aos dispositivos móveis, podem permitir ao estudante surdo sentir-se parte do processo educacional e ainda desfrutar desse novo ecossistema educativo em que a mesmidade<sup>23</sup>, de fato, não é palavra de ordem.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne. **Cultura surda**: um patrimônio em contínua evolução in PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Orgs). **Um olhar sobre nós surdos**: Leituras contemporâneas. Curitiba, PR: CRV, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. **Cultura da Mobilidade**. Revista Famecos. Porto Alegre, n. 40, p. 28-35. dezembro de 2009.

---

<sup>23</sup> A mesmidade que proíbe a diferença. A diferença que torna a lei da mesmidade impossível. (SKLIAR, 2003, p.39)

LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos**: princípios, breve histórico e perspectivas. *in* LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de et. al. (Org). **Uma escola duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Medicação, 2009.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Weblogs de bolso**: análise do impacto da mobilidade no cenário - publicações instantâneas na WEB *in* **O cidadão sénior e as ecologias Web**. Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação. Publicação Especial. n. 23. p. 200-213. Prisma.com, 2006.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. **A performatividade em educação de surdos** *in* SÁ, Nídia de (Org). **Surdos**: qual escola? Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSA, Emiliana Faria. **Educação de surdos**: entre a realidade e a utopia *in* SÁ, Nídia de (Org). **Surdos**: qual escola? Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SALGADO, Marcelo de Mattos. **Sociabilidade em espaços digitais complexos de MMORPGs**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Contemporaneidade. Faculdade Cáspero Líbero, São Paulo, SP, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima. **Pedagogia Surda e ensino de Língua Portuguesa para surdos** *in* PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Org.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba, PR: CRV, 2012a.

SILVA, Ariane Durce Maciel. **Cognição e conhecimento**: implicações no uso dos sistemas gerenciais de informação *in* REGIS, Fátima; ORTIZ, Anderson; AFFONSO, Luiz Carlos; TIMPONI, Raquel (Orgs). **Tecnologias de Comunicação e Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012b.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

STROBEL, Karin Lílian. **Os sobreviventes das políticas surdas**: opressão da cultura surda e de seus valores linguísticos da educação *in* PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Org.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba, PR: CRV, 2012.

Recebido em 2 de junho de 2015  
Aceito em 16 de setembro de 2015